

# veja

www.veja.com



## PAPA FRANCISCO

O profundo e histórico  
significado da escolha  
do nome do  
Santo dos Pobres  
pelo novo líder  
espiritual dos católicos

# UM NOVO OLHAR PARA A MENTE DAS CRIANÇAS

Os cientistas já decifram com precisão os mecanismos de transtornos infantis como o déficit de atenção e a hiperatividade. É um fascinante caminho para tratamentos que conduzam mais rapidamente a uma vida normal e feliz.

GABRIELA CARELLI  
E CARLOS GIFFONI

## GANGORRA EMOCIONAL

**Júlia Vasconcellos**, de 5 anos, foi expulsa da escola em agosto do ano passado por causa de seu comportamento extremamente agressivo. A menina atormentava a professora, os coleguinhas e destruía, nos acessos de fúria, o que via pela frente. Ninguém era capaz de domar Júlia durante suas crises. Recentemente, ela foi diagnosticada com transtorno bipolar, distúrbio que provoca alterações radicais do humor. Sua vida mudou com remédios e terapia.



**E**m 1902, o médico inglês George Still, um dos pais da pediatria moderna, analisou 43 crianças com sérios problemas de atenção, indisciplinadas e agressivas. Em seu estudo, publicado na prestigiosa revista científica *The Lancet*, esse comportamento irascível foi tratado como uma falha congênita, um defeito no cérebro que impedia o “controle moral” infantil. Dois anos depois, o médico W.A. Potts, também inglês, descreveu a doença de forma mais detalhada. O mal, transmitido pelos pais, transformava pessoas normais em seres egoístas, desinibidos a ponto de “não terem vergonha de nada”. A doença em questão, hoje vastamente investigada, é o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), que afeta uma em cada vinte crianças em todo o mundo — razão pela qual, na sopa de letrinhas geracional, a geração Z, que compreende meninos e meninas com até 12 anos, também é chamada de Geração Ritalina. Um distúrbio sério que, ao contrário do que se pensava no início do século passado, não é uma falha de caráter hereditária, nem o suprasumo dos maus modos.

Se não tratado, o TDAH pode arruinar a vida de uma criança erroneamente tachada de desatenta, atormentada e malcriada — as notas baixas são apenas o começo dos problemas. O TDAH, o mais popular, conhecido e diagnosticado transtorno psíquico infantil, é um estopim poderoso de distúrbios ainda mais sérios, como a ansiedade, em suas mais diversas formas, a depressão e o transtorno bipolar. Todo pai ou mãe que tem um filho um pouco mais agitado, que não presta atenção na aula e apresenta um desempenho aquém do esperado, uma vez ao menos suspeitou, depois de tanto ouvir falar do assunto, que o filho tivesse o tão falado déficit. Também deve ter se perguntado, em algum momento, se devia levar a criança ao psiquiatra e medicá-la com Ritalina ou um medicamento similar, um estimulante capaz de melhorar a cognição, o foco e acalmar (parece um despautério, mas não é) um paciente com TDAH.

Lançada em 1956, a Ritalina é a mais antiga e a mais comum entre as chamadas drogas da inteligência (ou drogas da obediência, em sua versão mais irônica), as pílulas usadas por estudantes e executivos para turbinar o desempenho intelectual. O princípio ativo do medicamento, o metilfenidato, é um





**REBELDIA NÃO, DOENÇA** Os quatro filhos de **Helio Guimarães** foram diagnosticados com transtorno de déficit de atenção com hiperatividade. À exceção do mais novo, **Micael**, de 11 anos (o segundo da esq. para a dir.), todos tomam Ritalina: **Verônica**, a mais velha, de 18, **Jefferson**, de 16 (sentado), e **Emerson**, de 12. Separado da mulher, Guimarães achou que o comportamento errático dos filhos fosse uma reação ao divórcio. "Hoje sei que é doença", diz o pai.



**DIAGNÓSTICO ERRADO** A gaúcha Sol, de 10 anos, não se adaptava à escola americana em que estudava. Excelente aluna em seu primeiro ano na instituição, ela precisou de reforços para não repetir as séries seguintes. A mãe, Olívia Leidems, mudou a garota de colégio neste ano, depois de ouvir de professores que a menina podia ter transtorno obsessivo-compulsivo ou de atenção. “Um neurologista e um psicólogo enterraram as suspeitas”, conta Olívia.

derivado da anfetamina, substância comum nos remédios para a perda de peso (e proibida no Brasil desde outubro de 2011). Considerada de baixa potência, seus efeitos no cérebro são mais brandos do que os desencadeados pelas anfetaminas tradicionais. Ainda restam dúvidas sobre seus mecanismos de ação. É certo que a droga estabiliza as concentrações de dopamina e noradrenalina no cérebro. Pacientes com TDAH podem ter níveis alterados de um ou de ambos os neurotransmissores, o que impediria o neurônio que recebe uma informação de processá-la corretamente. Alguns especialistas acreditam que os problemas são outros — a falha estaria nos receptores dessas substâncias no interior das células nervosas. “A medicação faz com que os dois





**QI ALTO TAMBÉM É PROBLEMA** Lauren, de 13 anos, cursou as primeiras séries do fundamental em um dos mais tradicionais colégios de Porto Alegre. Suas notas não eram lá essas coisas. Descartadas as possibilidades de algum transtorno de comportamento, os psicólogos descobriram a razão do baixo rendimento: a menina tinha um QI acima da média. Nem sempre o mais inteligente é o melhor da sala.

neurotransmissores permaneçam mais tempo na fenda sináptica, o espaço entre um neurônio e outro, aumentando o estímulo das células nervosas, atenuando a agitação e aprimorando a concentração”, explica o psiquiatra Adriano Predeus, de São Paulo. “Mesmo em pacientes sem o distúrbio, o metilfenidato promove uma melhora na atenção. No entanto, só quem, de fato, tem TDAH se torna mais calmo e menos agitado ao consumir o remédio”, ressalva Predeus.

Foram os aparelhos de neuroimagem, desenvolvidos nas últimas décadas, que permitiram enxergar as alterações funcionais no cérebro de pacientes com e sem TDAH. Em condições similares, os registros revelam maior atividade







neuronal em diversas regiões cerebrais em quem tem a doença. As novas tecnologias estão por trás do aumento exponencial no diagnóstico de transtorno bipolar e depressão em crianças, além de propiciarem um melhor entendimento da dislexia (a dificuldade em ler e escrever) e da discalculia (problemas com cálculos em geral), ambas causadas por pequenas lesões cerebrais.

De todos os transtornos constatados, nenhum é tão ruidoso quanto o TDAH. A doença mudou de nome uma dezena de vezes e foi descrita das mais diferentes maneiras, tanto em relação às causas quanto às consequências, desde sua primeira descrição, há exatos 111 anos. Apesar das evidências científicas, ainda há, inclusive no meio acadêmico, quem não acredite na existência do distúrbio. Ele seria um mal que, afinal de contas, a palmatória de antigamente ou a conversa séria com os pais ou psicólogos de hoje em dia resolveria. Pululam informações contraditórias sobre o assunto. Não é de estranhar, portanto, a apreensão das famílias a cada nova notícia sobre o aumento exponencial no consumo do metilfenidato e na possibilidade, mesmo que remota, de ter de medicar o filho. Um levantamento divulgado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, a Anvisa, no mês passado, revelou um aumento de 75% na prescrição de drogas irmãs da Ritalina para menores de 16 anos em um período de três anos. Houve espanto com a suposta supermedicação.

O temor não se justifica. Na maioria quase absoluta dos casos, os médicos que prescrevem estimulantes para seus pacientes menores de idade “endiabrados”, que apresentam prejuízos nos desempenhos escolar e social, não são monstros malvados cujo objetivo de vida é fazer mal a pobres criancinhas. É evidente que não. Nem é esse o intuito dos psiquiatras que assinam as receitas de ansiolíticos e outros psicotrópicos para tratar a bipolaridade infantil — outro balaio de discórdia. O fato é que, até agora, goste-se ou não da Ritalina e companhia, nada se mostrou tão eficiente e seguro quanto os estimulantes de baixa potência para amenizar os sintomas do TDAH. Foi o que revelou a mais completa e mais longa pesquisa já feita sobre o tema. Bancado pelo Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos e conduzido pelo médico Stephen Hinshaw, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, o estudo avalia, há catorze anos, a ação da Ritalina no tratamento de pacientes mirins com déficit de atenção. No





**BULLYING NA SALA DE AULA** Em 2010, quando cursava o 4º ano, a estudante **Vitória**, de 11 anos, foi vítima de bullying. O agressor era a própria professora, que ameaçou expor no mural da sala, em São Paulo, uma de suas redações. “Ela queria mostrar a todos quanto Vitória era burra”, conta a mãe, Ana Paula Ferreira. A menina tinha dificuldades com ditados e textos porque é disléxica. Vitória está em tratamento há seis meses.

primeiro teste, foram analisadas 579 crianças com TDAH, por catorze meses. Elas foram divididas em quatro grupos: o primeiro tomava somente o remédio. O segundo só fazia terapia. O terceiro combinava os dois tratamentos. O último grupo não era submetido a nenhuma dessas práticas médicas. A cada dois anos os pesquisadores refazem a avaliação. Houve melhoras em 95% dos pacientes que tomam a medicação — assim que a droga entra na corrente sanguínea, a atenção aumenta, o raciocínio se torna preciso e a criança, mais calma, percebe quanto incomoda os outros, algo do qual os pacientes com o distúrbio não têm noção. “A Ritalina funciona muito bem na maioria dos casos. Não vejo razão para tanto questionamento. Deixar de tomar a Ritalina ou

**TROPEÇANDO  
EM PALAVRAS**

Aos 7 anos, já alfabetizada, **Eduarda** ainda se atrapalhava com as letras — ela escrevia de maneira espelhada (como na foto), sintoma clássico de dislexia. Ela demorou a ler e identificar os fonemas. Aos 9 anos, o distúrbio foi identificado. "Em quatro meses de acompanhamento pedagógico, a escrita e a leitura de Duda melhoraram 100%", diz a mãe, Elaine Martins.



The word 'DYSLEXIA' is written in large, colorful, 3D block letters. The letters are yellow, orange, and purple. A small doll with pink hair and a pink outfit is standing next to the letter 'D'.



similar significa repetir o ano várias vezes e não ter amigos, isolar-se socialmente. A vida da criança, e a dos pais, vira um inferno”, disse Hinshaw a VEJA.

Mais de 40% dos alunos que cursam as séries iniciais do ensino, com até 7 anos de idade, apresentam dificuldades em acompanhar o que lhes é ensinado. Destes, 10% têm algum distúrbio psíquico que compromete o aprendizado — o equivalente a meio milhão de aluninhos no Brasil. Lançado na semana passada, o livro *Manual dos Transtornos Escolares*, do psiquiatra Gustavo Teixeira, lista mais de duas dezenas de condições que estão por trás do fracasso na escola. A maioria dos pequenos com dificuldades causadas por alterações na bioquímica cerebral não recebe tratamento adequado. Parte disso acontece por despreparo dos professores brasileiros. “Pouquíssimos são capazes de identificar um distúrbio. A maioria acha que um rendimento baixo é resultado de falta de vontade do aluno”, diz Teixeira. É muito comum, por exemplo, crianças com altas habilidades ou superdotadas serem diagnosticadas como patologicamente desatentas, por exemplo (veja o quadro ☹). Outro montante de meninos e meninas segue sem tratamento por preconceito dos próprios pais. Os transtornos psíquicos ainda são um tabu. Para muita gente, as doenças da alma não passam de melindre, desculpas dos fracos, incapazes de enfrentar os problemas da vida (quem já não perdeu um parente, o emprego, ou ficou negativo no banco?, questionam os incrédulos). “Foi somente com o surgimento do Prozac, há quase três décadas, a droga da felicidade capaz de melhorar as condições de pacientes com depressão, que os tratamentos psiquiátricos se popularizaram de fato”, afirma o psiquiatra Adriano Predeus.

É inconcebível supor que a rigidez na educação, e apenas ela, possa tratar distúrbios cerebrais sérios — tais condições precisam ser combatidas com medicamentos e acompanhamento psicológico, na maioria das vezes com os dois apoios. Não se pode confundir os cuidados que filhos com transtornos de comportamento exigem com outra postura, a das tão badaladas mães tigres. No livro que iluminou esse tipo de personagem, a professora de direito americana de origem chinesa Amy Chua faz sua pregação e ensina como transformar crianças normais em

**TORTURA CORRETIVA**

*Castigos de diversos tipos, inclusive físicos, como a palmatória, eram comuns nas escolas até o início do século XX. Transtornos como o déficit de atenção costumavam ser tratados como meras falhas morais*



campeãs de tudo, de virtuosos no violino a ganhadores de todos os prêmios de melhor aluno. A mãe tigre não está interessada, decididamente, em ajudar pais de crianças doentes a torná-las normais — ou quase. É melhor esquecê-la.

As recentes descobertas a respeito dos distúrbios psíquicos na infância já promoveram uma transformação no tratamento de muitos transtornos, mas ainda há muito para descobrir. Na infância, a linha fina que separa os diferentes transtornos mentais é ainda mais tênue do que na idade adulta. A depressão, caracterizada por estado inexplicável de melancolia aguda, pode se expressar por um excesso de agressividade e irritabilidade nos mais novos. Sintomas confusos tornam comuns diagnósticos equivocados. Estes, sim, são um motivo de preocupação para os pais. A ciência tem aberto avenidas que ajudam a desvendar a mente infantil. Da família, exigem-se cautela e compreensão. ■

**COLABOROU ANDRÉ ELER**



## Gênio também tem de estudar

**É** muito comum o diagnóstico equivocado de transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) em jovens que são superdotados. Pelo menos 3 milhões de brasileiros em idade escolar têm superdotação. Eles apresentam desempenho bem acima da média em uma ou mais disciplinas — podem se destacar nas ciências, nas artes, na matemática, nos idiomas ou em tudo isso ao mesmo tempo. Em comum, exibem aquele desinteresse descomunal pelo que acontece nas salas de aula das escolas tradicionais — onde até pode haver um tablet, mas a forma de ensinar e fazer com que um aluno assimile o conhecimento de ensino não mudou muito desde o século passado. Entediados, eles interrompem o professor, atrapalham os colegas, são campeões das brincadeiras fora de hora.



### COLECIONADOR DE MEDALHAS

*Matheus Camacho:  
quatro pódios em  
desafios dentro  
e fora do país*

